

*Que nada te perturbe
Que nada te espante
Tudo passa
Deus não muda
A paciência tudo alcança
Quem a Deus possui
Nada lhe falta
Deus só lhe basta*

Stª Teresa de Ávila

Teresa Santa Clara Gomes

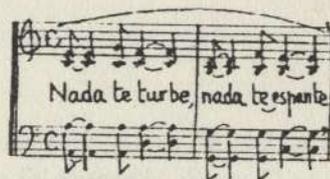
Nada te turbe, nada te espante: quien a Dios tiene nada le falta.

Nada te turbe, nada te espante: sólo Dios ba-sta.

Haveria muita coisa a partilhar sobre o que dissemos e outros disseram na morte da Teresa. Como não é possível transcrever tudo, reunimos nesta brochura o que nos parece consolador para todos nós: algumas palavras que escolhemos para a Teresa nas celebrações da sua vida e o muito que, de forma esparsa, sobre ela foi dito ou nos foi dito.

Assim esta brochura contém:

- a adaptação do salmo 39, salmo Crístico que foi o Intróito da missa do dia 5 de Outubro e que tão bem traça o perfil público da Teresa;
- a transcrição da homenagem prestada pela Assembleia da República à memória da Teresa, como ex-deputada;
- o poema “*As Fontes*”, de Sophia de Mello Breyner, que representando de forma tão clara a atitude da Teresa, foi o limiar da celebração da Vigília, das missas de Corpo Presente, 7º e 30º Dia;
- a sequência das notícias ou artigos de diferentes jornais ou revistas dedicados à história e personalidade da Teresa;
- dois textos da celebração que fizemos na manhã do dia 5 de Outubro e que dizem de forma simbólica a vertente mística da Teresa;
- um conjunto de excertos das centenas de cartas que recebemos e que, no 30º Dia, usámos como uma verdadeira “*Epístola de cristãos espalhados pelo mundo aos cristãos reunidos, em Lisboa, em memória da Teresa*”;
- a versão do *Credo* escrita pela Isabel Allegro e que recitámos nas missas do Funeral e do 7º Dia.



Salmo 39

Esperei no Senhor com toda a confiança.
Quantas maravilhas Vós fizestes,
Senhor, meu Deus,
quantos projectos para nós:
nada se pode comparar convosco!

Vós não querieis sacrificios nem oblações,
- destes-me por isso um ouvido atento -
não querieis holocaustos nem vítima.

Então eu disse:

Eis-me aqui, venho cumprir a Vossa vontade.

No livro está prescrito para mim
o que Vós quereis que eu faça.
Meu Deus, deliciei-me com a Vossa lei
no mais fundo de mim mesma.

Anunciei a justiça do Senhor
na grande assembleia;
vede, nada me impediu de falar,
Vós bem o sabeis, Senhor.

Não escondi a Vossa justiça no meu coração,
disse a Vossa fidelidade, a Vossa salvação,
não escondi o Vosso amor e a Vossa verdade
perante a grande assembleia.

Vós, Senhor, não afasteis de mim
a Vossa imensa ternura!
Que o Vosso amor e a Vossa verdade
me guardem eternamente!

Homenagem da Assembleia da República

10 de Outubro 1996

O Sr. Presidente:

Srs. Deputados, eu próprio tomei a iniciativa de elaborar o voto - nº 41/VII - de pesar pelo falecimento da ex-Deputada à Assembleia da República Teresa Santa Clara Gomes.

O voto, subscrito por mim e pelos líderes de todos os grupos parlamentares, é do seguinte teor:

Morreu Teresa Santa Clara Gomes. Um nome que ecoou pelas bancadas deste hemiciclo em intervenções impregnadas de sentido social e humano. Uma presença doce e cativante, uma inteligência lúcida, uma sensibilidade de eleição e uma vasta cultura humanística ao serviço de ideais, valores e convicções. Dimanava dos seus gestos e dos seus actos - que não raro assumiram os contornos da resistência e da luta - uma bondade serena e uma determinação esclarecida. Estruturalmente independente, não recusou o alinhamento ideológico sempre que esteve em causa o combate que se não vencia sem ele. Foi assim que assumiu funções governativas e as desempenhou com brilho; que se deixou mobilizar por movimentos que eram ponto de encontro e de empenhamento social e ascense; que se deixou eleger pelo povo para poder emprestar-lhe a força e o calor da sua voz. Os que tiveram o privilégio do seu convívio nesta Casa, e os que, tendo vindo depois, ainda colheram o perfume da sua passagem por ela, curvam-se com profunda veneração e respeito perante a sua memória e endereçam à família enlutada a dorida expressão da sua mágoa.

Srs. Deputados, está em apreciação.

Tem a palavra a Sr^a Deputada Maria José Nogueira Pinto.

A Sr^a Maria José Nogueira Pinto (CDS-PP): - Sr. Presidente e Srs. Deputados, é com muita pena, mas também com muita honra, que associo a minha voz a este voto de pesar, em cujo texto, aliás, estão expressas as características que foram as de Teresa Santa Clara Gomes.

Gostaria apenas de acentuar que a intervenção de Teresa Santa Clara Gomes na sociedade portuguesa, quer na actividade social, quer na actividade política, marca um paradigma como, de facto, as mulheres podem e devem estar na vida pública e política. Diria que o fez como uma combatente, com inteligência do coração, que é, ao fim e ao cabo, talvez a mais importante qualidade para estas tarefas. Diria, finalmente, que foi uma mulher que viveu profundamente o Evangelho, e viver o Evangelho hoje, nos tempos que correm, é, antes de mais, um acto de coragem. Julgo que se poderia dizer de Teresa Santa

Clara Gomes aquilo que qualquer um de nós gostaria que fosse dito quando morressemos. Combateu o bom combate, como dizia S. Paulo, por isso hoje pode descansar entre os justos.

O Sr. Presidente: - Tem a palavra o Sr. Deputado Lemos Damião.

O Sr. Lemos Damião (PSD): - Sr. Presidente e Srs. Deputados, eu e muitos dos que estão neste Hemiciclo tivemos a felicidade de privar com a Sr^a Deputada - na altura - Teresa Santa Clara Gomes. Era uma senhora que tinha o sorriso sempre aberto, mesmo para aqueles que não conhecia, e que deixou em mim um sentimento profundo, uma saudade que vai perpetuar-se por muito tempo.

A minha bancada associa-se a este voto de pesar, porque Teresa Santa Clara Gomes simboliza a mulher lúcida, a intelectual de eleição e a mulher solidária.

Paz à sua alma.

O Sr. Presidente: - Tem a palavra a Sr^a Deputada Isabel Castro.

A Sr^a Isabel Castro (os Verdes): - Sr. Presidente e Srs. Deputados, subscrevemos este voto na convicção de que, independentemente de estarmos a falar de alguém que nos é caro e próximo, cujo desaparecimento não nos é indiferente, falamos de alguém para quem as suas convicções religiosas não foram um dogma, mas um guia de acção permanente; alguém que desenvolveu uma luta e uma intervenção por um diferente estatuto para a mulher, um estatuto não divorciado daquilo que, em nosso entendimento, deve ser essa acção interventora: uma luta ligada à democracia, ao desenvolvimento e à cooperação.

Estes são alguns traços que marcaram a vida de Teresa Santa Clara Gomes e este é, no mínimo, com aquilo que de pouco as palavras têm, o que hoje deve ser lembrado na sua morte.

O Sr. Presidente: - Tem a palavra o Sr. Deputado Octávio Teixeira.

O Sr. Octávio Teixeira (PCP): - Sr. Presidente e Srs. Deputados, singelamente, e em nome do Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português, queria associar-me a este voto de pesar, que subscrevemos, e manifestar a mágoa com que vimos partir Teresa Santa Clara Gomes.

Sr. Presidente, permitia-me apenas fazer um acrescento, em relação ao texto do voto, que é fundamental, sobre a vida de Teresa Santa Clara Gomes. É que, para além do que consta dele, consideramos que Teresa Santa Clara Gomes foi sempre uma mulher estruturalmente séria, seriedade que sempre emprestou a toda a sua vida cívica e política.

O Sr. Presidente: - Tem a palavra o Sr. Deputado Joel Hasse Ferreira.

O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS): - Sr. Presidente, Srs. Deputados: Queria referir aqui o percurso de rara e invulgar coerência que teve Teresa Santa Clara Gomes. A dedicação, o sentido de missão que sempre imprimiu à sua vida, desde a Acção Católica Universitária, estatuto em que a conheci há já algumas décadas, ao movimento do Graal, de que foi uma das principais animadoras, fez com que sempre procurasse compatibilizar o seu ideal religioso com o seu ideal social e político, com as convicções culturais que a animavam. Tive ocasião de partilhar com ela não só muitos combates, projectos e ideias políticas essenciais, como até o gabinete, nesta Assembleia. Teresa Santa Clara Gomes foi Deputada, primeiro do Grupo Parlamentar da UEDS e depois do Grupo Parlamentar do PS, por isso, também em nome do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, quero agradecer as menções que já lhe foram feitas.

Desempenhou funções governamentais, nomeadamente a de Secretária de Estado da Cultura, e teve um papel importante, quer no gabinete de Maria de Lourdes Pintasilgo, quer na posterior campanha presidencial. Em todas essas actividades, nos domínios da educação, da cultura e da cooperação internacional, Teresa Santa Clara Gomes manifestou-se como uma personalidade de invulgar craveira.

Queria, contudo, ir mais longe e sublinhar a coragem com que enfrentou a doença: em coerência com a coragem com que enfrentou a vida, enfrentou a morte. Sempre manifestou, nas suas relações pessoais, uma enorme cordialidade, uma elevada cultura, um forte sentido de militância cultural, cívica, social e política.

Esteve entre nós, neste Parlamento, e deu o testemunho da sua personalidade e das suas convicções, por isso nos curvamos, com amizade, respeito e carinho, sobre a sua memória.

Independentemente de cremos ou não na eternidade, penso que todos nós partilhamos com ela os seus objectivos de solidariedade, de justiça, de fraternidade e de liberdade.

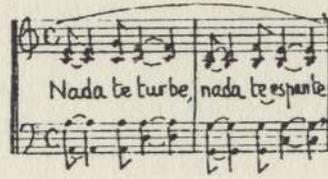
O Sr. Presidente: - Srs. Deputados, para além do que consta do texto do voto que tive a honra de subscrever, queria juntar a minha voz à vossa para acrescentar apenas o seguinte: o País perdeu um grande espírito, uma alma transparente e um suave e doce coração. Junto-me à vossa pena e mágoa, porque creio que, neste momento, todos estamos irmanados nesse sentimento.

Srs. Deputados, vamos então proceder à votação do voto de pesar pelo falecimento da ex- Deputada Teresa Santa Clara Gomes.

Submetido à votação, foi aprovado por unanimidade.

Srs. Deputados, o voto será comunicado à família enlutada.
Vamos guardar agora, comovidamente, um minuto de silêncio.

A Câmara guardou um minuto de silêncio.



As fontes

*Um dia quebrarei todas as pontes
Que ligam o meu ser vivo e total,
À agitação do mundo do irreal,
E calma subirei até às fontes.*

*Irei até às fontes onde mora
A plenitude, o límpido esplendor
Que me foi prometido em cada hora,
E na face incompleta do amor.*

*Irei beber a luz e o amanhecer,
Irei beber a voz dessa promessa
Que às vezes como um voo me atravessa,
E nela cumprirei todo o meu ser.*

- Sophia de Mello Breyner -

Recortes de Imprensa

SER INTEIRA

O Independente 11.10.96

Laurinda Alves

Há uma casa branca, de pedra sobre a rocha, onde os seus gestos ficaram desenhados nas paredes; onde o sorriso não se perdeu, o olhar se confunde com o mar, e onde tudo é muito mais que uma memória.

A casa, de uma geometria simples e recta, tem cheiro de buxos perfumados de sal e jasmim. Inclina-se sobre uma escarpa e afunda-se no azul infinito do céu. E do mar.

Teresa Dória vive nessa casa para sempre. Pertence-lhe, no sentido mais puro da propriedade. Pertencem uma à outra na justa medida em que uma acrescentou forma à outra mas, ali, a posse tem muito pouco de terreno. Nada naquele lugar se pretende perpétuo ou inabalável a não ser a fé. Sem tempo nem tamanho.

Teresa acreditava que o que estava para vir seria sempre melhor do que o que já existia e era por isso que gostava tanto da mudança. E da procura.

Encontrou aquela casa um ano depois de saber que tinha cancro. Sabia que estava a prazo, mas como nunca lhe ocorreu viver mais do que lhe competia pressentiu que um par de anos bastariam para firmar o sonho. Dois anos foram-lhe concedidos e, expirados todos os prazos, ficou de pé a casa do Alto da Praia, o segundo centro cultural do Graal em Lisboa.

A casa, na Praia Grande, era a extensão natural do seu querido e profícuo "Terraço" e o espaço onde a catarse era possível. Teresa Santa Clara Gomes sabia que é do nada que se faz tudo e desenhou ali um posto de silêncio, um campo de fraternidade e um vão de prazer. Gostava da intimidade mas também do encontro e da mesa.

Teresa Dória Santa Clara Gomes, a quarta de oito irmãos, era filha da aristocracia madeirense instalada em Lisboa. De todos os irmãos foi a única que conservou o nome da mãe e, orgulhosa, o exibiu até ao fim. Adorava que a tratassem por Teresa Dória mas não mostrava nisso soberba ou qualquer presunção de superioridade. Gostava, simplesmente, do som e da forma como lhe devolvia a imagem da mãe.

Talhada por um pai profundamente inteligente e conservador e uma mãe solidária e, ainda hoje, muito lúcida, Teresa atirou-se às letras logo de pequena. Lia e pensava. Era tão quieta e calada que parecia secreta mas o seu mistério era a sua força. Na Faculdade de Letras de Lisboa sentava-se para ouvir os professores e jamais tomava uma nota. Retinha o essencial, assimilava e dava-lhe outra forma.

No fim guardou três meses para apurar a verdadeira alma de T.S. Eliot e em quinze dias redigiu uma tese de licenciatura notável. Dezassete valores que lhe renderam elogios e um convite imediato para assistente. Mesmo sem acreditar aceitou. Alunas pouco mais novas que ela lembram-se hoje de como, aos 23 anos, ela soube reformular programas e inovar o sistema de educação. “A Teresa Santa Clara Gomes mudou a minha vida”, declarou um dia Yvette Centeno perante uma plateia onde se abriam muitos sorrisos subscritores.

Teresa aproveitou a boleia de uma bolsa e passou seis meses nos Estados Unidos a estudar formas de “educação alternativa”. Marcada por uma experiência de “educação residencial para jovens universitárias onde se procurava estimular a criatividade das mulheres”, Teresa Dória não voltou igual.

Empenhou-se na diversidade e aderiu ao Graal, o lendário movimento internacional de mulheres que pretende cruzar toda a sociedade e deixar o seu ferro espiritual e cultural bem marcado.

Enquanto Salazar e Cerejeira reinaram, a actividade das mulheres do Graal não foi abençoada em Lisboa por carecer de “assistente eclesiástico que velasse pela ortodoxia” da coisa. Olharam para o mapa e evoluíram para Coimbra e Portalegre, onde se estabeleceram sobre a protecção do bispo. Teresa Santa Clara Gomes e Maria de Lourdes Pintasilgo eram, à data, a cara do movimento.

Fizeram campanhas de alfabetização e consciencialização mas abstiveram-se da politização. Por isso, muitas vezes foram rotuladas de fracas, medrosas e pouco ambiciosas. Teresa Santa Clara, imperturbável, desarmava as críticas com o eterno sorriso e uma máxima eloquente que aplicava de cada vez que se levantava um dedo a acusar falta de coragem ou posições equívocas: “Vale mais devagar e bem”. Sabia o que fazia.

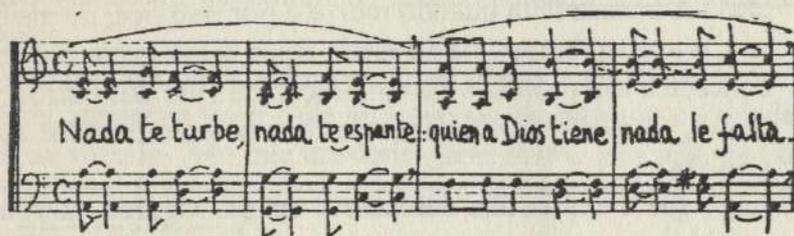
Viciada em animação sociocultural, encontrou a medida certa da entrega. “Fiz a opção de não trabalhar a tempo inteiro para poder dedicar-me ao trabalho voluntário”. A opção parecia boa mas revelou-se inviável nos momentos em que foi chamada ao governo e à Assembleia da República. Secretária de Estado da Cultura e três vezes deputada, Teresa Santa Clara vivia no transe da militância política, cívica e cultural. Dotada de grande visão e lancinantemente perfeccionista, chegava a exasperar muitos daqueles que eram obrigados a concordar com ela.

Intransigente nos princípios e implacável nos métodos, podia ficar em cólera com uma vírgula posta fora do lugar. Escrevia à mão e corrigia tudo até à náusea. Nos tempos da Assembleia emendava trinta vezes o mesmo discurso, saía de casa ainda a rascunhar os papéis e, já de microfone em alvo, era capaz de continuar a rever e retocar as frases.

Generosa e fraterna, não hesitava em exercer autoridade ou ajustar o conceito de democracia a uma decisão ditada pela sua consciência. Respeitava as pessoas mas não a facilidade com

que muitas vezes se adiavam soluções. Era sempre pelo melhor e mais bem feito. Mesmo que tivesse que ser tirana ou totalitária.

Morreu rodeada de amigos. Em dois meses de internamento nunca teve um segundo de solidão. Quando se sentiu enfraquecida declarou que era um privilégio também a companhia. Perguntaram-lhe se estava tranquila e, num sopro baixinho, disse que sim, “cada vez mais”.



LITANIA DE OUTONO

O Independente 11.10.96

Maria João Seixas

Há semanas negras, como as marés.
Derramam sobre nós, impiedosas e brutais,
a dor e a revolta da irremediável perda de alguém que muito respeitávamos e amávamos, como referência para os nossos passos e sonhos, como parte integrante da nossa tribo familiar. A minha geração perdeu, pela penada de dois dias deste Outono bissexto, três pessoas incontornáveis. Pessoas de valor, porque de valores.

(...)

A última, a que recolheu o portaló dessa terrível barca em que os três partiram, Teresa Santa Clara Gomes, minha irmã da vida. A mulher com a inteligência mais militantemente solidária que conheci. Curiosa como poucos e sempre atenta às zonas de conflitualidade das relações humanas apostava, segundo a segundo, nas várias possibilidades de pacificação. Sempre com a mesma teimosia. Sempre com o mesmo, temível, sentido crítico. Admiradora incansável de artistas e criadores (os poetas eram os grandes preferidos), não poupava ninguém ao polvilhar da sua finíssima ironia, que sabia converter no mais saboroso dos sentidos de humor. O que muito me divertia! Fica-se órfão de uma irmã? É como me sinto, depois desta baixa na minha rota de *sororidades*.

ESTRELAS

in "O Regional" - S. João da Madeira 12.10.96

Manuel Tavares

Morreu Teresa Santa Clara Gomes, nascida em Aveiro e Mulher da Humanidade.

Tive o privilégio de a conhecer pessoalmente no início dos anos oitenta e de com ela trabalhar na dignificação das pessoas, pela resolução dos problemas que as minorizam e ofendem.

Destaco, desse tempo, duas frases emblemáticas da Teresa-Mulher e da Teresa-Cidadã:

"Que querem que eu faça?"

"Vamos lá ouvir as pessoas"...

Gente assim já não se usa, e principalmente na política - e por isso faz imensa falta quando morre e por isso fica, no meio de nós, o imenso buraco da ausência física dessa gente que só concebe a sua própria vida em função da vida dos outros, e destes, em razão da vida daqueles que não são tratados como pessoas.

Julgo que a Teresa não descansará em paz algures - porque daí continuará a ver as pessoas e os quotidianos que reclamam Dignidade e Justiça.

A TRAVESSIA

in *A Capital* 11.10.96

Maria Belo

Há dias morreu Teresa Santa Clara Gomes após uma doença muito dolorosa que se prolongou quase dois anos. Os seus amigos e amigas mais próximos acompanharam-na durante esse tempo e fizeram-lhe, à despedida, a homenagem em força e beleza que a memória que temos dela exigia.

Enquanto assistia a essa homenagem e acompanhava o funeral, ia relembrando a Teresa. A sua inteligência, a sua determinação calma, a sua actividade regular sem sobressaltos ou tempos mortos. Mas sobretudo a densidade da sua compreensão humana, o seu afecto e generosidade, e a exigência de que cada um fosse tão direito e intransigente consigo quanto ela o era. A amizade, o companheirismo, o humor, sempre presentes, não eram nunca pretexto para abrir mão dessa exigência.

Não era amiga muito próxima dela. Passei a infância e a juventude com os meus irmãos e irmãs metade do tempo em casa dela onde eles eram tantos como nós e passavam a outra

metade em nossa casa. Mas depois a vida levou cada uma para seu lado e só a vim encontrar muito mais tarde, à volta da política, da cultura, das questões das mulheres e às vezes da psicanálise. Nestes tempos os nossos caminhos só se cruzavam ocasionalmente nessas circunstâncias.

Pode por isso parecer que estou redigindo o artigo de circunstância e fazer o elogio que é de bom tom depois da morte. Mas todos os que com ela cruzaram por pouco que não sejam distraídos sabem do que falam. Quase não valeria a pena, aliás, não fora nós merecermos que isto seja dito e escrito. E esta é uma das responsabilidades de quem se viu confiar uma coluna para alertar os leitores. Só que não estou aqui apenas para cumprir um dever. Interessa-me também perceber as questões que me assaltaram no sábado passado, na Basílica da Estrela.

A vida política, mas também a universitária, a empresarial ou outras, tendem a viver cada vez mais de espectáculo e vaidades que de virtude. Não que um certo generalismo não seja até útil em política. E que às vezes esperteza não seja mais apropriada do que a inteligência.

Mas será que a virtude é inútil? Será que a inteligência só pode esvair-se nos meandros dos *complots* de bastidores? “Teresa, a tua paixão não foi inútil”, garantia-lhe um dos oradores na cerimónia de corpo presente.

(No caso, estava presente mais do que o corpo, tanta era a força com que todos ali ainda a atávamos ao mundo.) Há muito que deixei de crer que a felicidade ou seja o que for está num outro mundo. Sinto-me perfeitamente conformada com este e com o pouco ou nenhum sentido e as incógnitas que dele retiramos. Mas isso não me impede - e porquê? - de preferir a posição obscura, mas fundamentalmente ética, da Teresa Santa Clara Gomes, “à agitação do mundo do irreal”, aos consensos mundanos e pouco solidários com que acabamos por organizar uma rede de privilegiados que exclui a maioria.

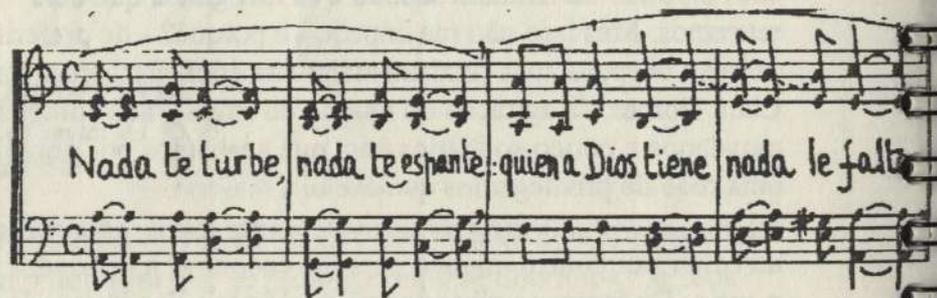
Só que aparentemente essa posição parece inútil. Será preciso acreditar num outro mundo para lhe encontrar a utilidade? Não o creio. De facto, se olharmos para a história das ideias, do pensamento ou da acção, quantos dos “agitados” e exitosos políticos relembramos? Ele há bem listas de membros dos governos sucessivos, por exemplo, mas que nos diz aquele conjunto de nomes? Os que lembramos são os que foram de excepção e quantas vezes só reconhecidos depois da morte. Ou porque deixaram atrás de si uma lenda ligada às virtudes que encarnaram, ou porque entraram para a história ao deixarem-nos manuscrita a elaboração dessa experiência de profundidade que parece sem brilho aos olhos dos seus contemporâneos.

Um poema de Sofia de Mello Breyner foi distribuído durante as cerimónias fúnebres. “Um dia quebrarei todas as pontes / que ligam o meu ser vivo e total, / à agitação do mundo do irreal, / e calma subirei às fontes. (...) Irei beber a luz do amanhecer, / irei beber a voz dessa promessa / que às vezes como um voo

me atravessa, / e nela cumprirei todo o meu ser.” Enganam-se os que julgam que a travessia a que a poetisa se refere alude à morte. Só em vida, se pode “cumprir todo o seu ser”. Por isso Teresa se referia à morte dizendo: “Atravessar a vida.” Aceitar fazer essa passagem só a poucos é dado.

Será que para que alguns a possam realizar, o mundo precisa de acção frenética e pragmática de líderes realistas que com a espuma dos seus dias impedem de ver a acção silenciosa dos santos? E que pode esta travessia ao fundo de si mesmo pelas condições materiais da existência dos excluídos? Ou será que também ela os exclui?

A força com que a vida de Teresa Santa Clara Gomes se nos impôs obriga-nos a olhar de frente esta questão. Quem sabe se, para além da lenda que ela nos deixa, não haverá também uma gaveta ou um caixote onde, por escrito, nos tenha deixado elaboradas as questões que a sua travessia não deixou de lhe pôr.



RECORDAR TERESA

in *Jornal das Letras* 23.10.96

Guilherme de Oliveira Martins

Teresa Santa Clara Gomes teria recebido com uma enorme, íntima e sentida alegria o reconhecimento da causa de Timor. Já não houve tempo. Tudo foi muito rápido. Recebeu onde está a notícia - e terá por certo, já distante das preocupações passageiras, avaliado o sentido de um acto de justiça. E decerto recordou, ainda o poeta: "*Tudo é tangível, luminoso e vago / Na orla que se afasta e a ilha dobra / Em baías de precário sonho ...*" (O Livro do Nómada meu Amigo, 1958). Teresa Santa Clara Gomes partiu. Faltam as palavras adequadas nestes momentos. Fica sempre a sensação de que os elogios são de circunstância. O mais difícil é exprimir o vazio que nos é deixado e que ninguém pode preencher. Com a Teresa havia sempre um apelo generoso a **mudar a vida** - a refazermo-nos, encontrando-nos. Essa força, que nunca será demais recordar, ficará para sempre ligada à sua memória. Estava sempre disponível e punha em tudo o que fazia o rigor e o afecto. Era, por isso, uma incansável viajante no sentido dos lugares onde poderia soprar o Espírito. "*Quando vos ajuntais, se um tem um hino, outro língua, outro revelação, outro interpretação, façase tudo, mas com ordem. Se houver línguas estranhas, não falem mais que duas, ou mais que três, a seu tempo cada uma, e haja intérprete (...)* Porque Deus não é Deus de confusão, mas de paz, como em todas as assembleias dos Santos eu tenho ensinado" - disse S. Paulo aos Coríntios. A Teresa procurava ligar as coisas e dar-lhes sentido, e torná-las vivas. Discretamente, esta era a sua acção constante. Pouco antes de morrer, ainda organizava as tarefas no Hospital - mesmo obrigada às provações de uma doença implacável e violenta. Numa das últimas vezes em que falámos, deu-me conta de como acompanhara o David Mourão-Ferreira no combate final dele, fazendo quase esquecer que também havia o duro combate dela mesma ... A Teresa foi sempre assim - como intelectual, como cidadã, como governante ... como pessoa. Fomos companheiros muito próximos de várias causas. Uma das últimas foi a de Timor. Fomos "companheiros de carteira" no parlamento. Quantas cumplicidades ...

VOTO DE PESAR

in *O Independente* 11.10.96

Narana Coissoró

Teresa Santa Clara Gomes «atravessou a morte». Uma respeitada especialista em matérias de educação e cultura, que foi secretária de Estado e deputada em algumas legislaturas anteriores. Deixa escritos importantes nas revistas de que foi directora: «Igreja em Diálogo» e «Mudar a Vida», além de outras publicações.

A AR prestou-lhe homenagem, aprovando um voto de pesar. Os seus amigos, na hora da despedida, cantaram: "*Nada te turbe, nada te espante; Quien a Diós tiene, nada le falta*". Que saudades, Teresa.

A DIMENSÃO SOCIAL NA CULTURA

in *Frente Oeste*, Torres Vedras

Ana Mourão

A quatro de Outubro, num dia de sol brilhante, uma Mulher plena de luz, coragem e inteligência partiu para um "país melhor", onde a dimensão social na cultura já terá, talvez, sido atingida.

Portugal e nós, os que tivemos a sorte de com ela contactar, com maior ou menor frequência, ficámos mais pobres. Sem palavras!

É muito difícil falar de alguém que perdemos fisicamente, mas que é imprescindível permaneça connosco.

Da sua carreira, da sua inteligência racional e emocional, já falou a imprensa das grandes cidades. Resta-nos, a nós, testemunhar o que dela ouvimos sobre projectos e intervenção social e cultural, e outros, como o da promoção humana em que se empenhou tão profundamente, o da partilha e da amizade de grupo. Quantos "nós" se entrelaçaram na "rede" que o MAD promoveu - esse Movimento no qual tanto se empenhou.

Olhando muito para trás, encontramos-la com pessoas dinâmicas, corajosas e cultas que passaram por Torres Vedras, na casa do GRAAL. Era a pedrada no charco de dias escuros e difíceis que se viviam! Era o olhar a cultura com o sentido da profunda solidariedade, do desbravar caminhos a pessoas que nunca tinham percorrido tais veredas. De Norte a Sul, gente que se limitaria a passar pela vida teve acesso à existência, no seu pleno sentido.

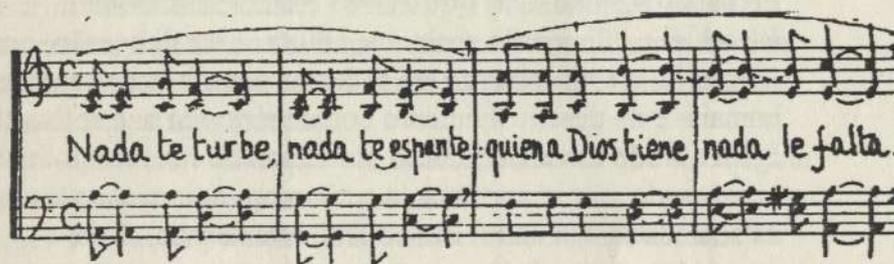
Ficámos sem palavras a 4 de Outubro, mas teríamos tantas para dizer. Por exemplo, que cada um de nós procure, no íntimo, "humildemente", tentar continuar, mesmo "desajeitadamente", a

introduzir a "dimensão social na cultura", a cultivar a amizade, o espírito de grupo.

No espaço do TERRAÇO, em Lisboa, aqui em Torres Vedras, por todo o lado, tenhamos a dignidade de continuar a tê-la entre nós e a aprender com Ela.

Sobretudo porque sabemos que teremos próximos os seus amigos mais íntimos, que tanto nos deram e tanto lhe deram. A esses pedimos que nos ajudem a continuar a desenhar um Sol quadrado na parede das nossas casas.

O poeta José Gomes Fernandes fez-nos esse apelo há muito tempo. É agora altura de relembrar, para não ficarmos com as mãos tão vazias.



TERESA SANTA CLARA GOMES

in *Diário de Notícias* 5.10.96

Teresa Santa Clara Gomes morreu ontem, aos 60 anos, no Hospital da CUF, em Lisboa, onde se encontrava internada há um mês para tratamento de doença prolongada. Morreu rodeada de familiares e amigos, entre os quais Maria de Lourdes Pintasilgo.

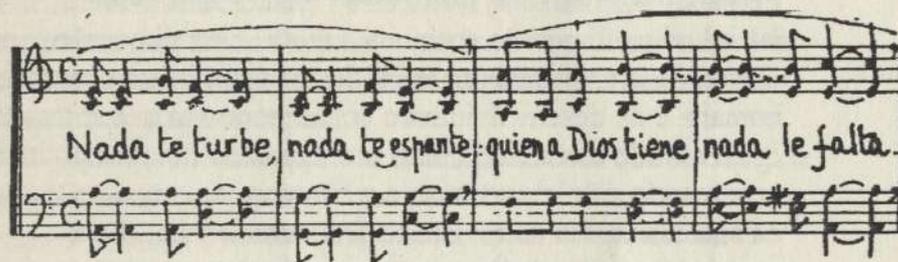
Natural de Aveiro, Teresa Santa Clara Gomes frequentou a Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou em Filologia Germânica com 17 valores. Especializou-se em Línguas e Cultura Alemãs nas Universidades de Heidelberg e Hamburgo e foi assistente na Faculdade de Letras de Lisboa. Uma experiência nos Estados Unidos, em 1965, haveria de mudar o rumo da sua carreira: passou do sistema formal de educação para o não formal, hoje vulgarizado como "modelos de educação alternativa".

introduzir a "dimensão social na cultura", a cultivar a amizade, o espírito de grupo.

No espaço do TERRAÇO, em Lisboa, aqui em Torres Vedras, por todo o lado, tenhamos a dignidade de continuar a tê-la entre nós e a aprender com Ela.

Sobretudo porque sabemos que teremos próximos os seus amigos mais íntimos, que tanto nos deram e tanto lhe deram. A esses pedimos que nos ajudem a continuar a desenhar um Sol quadrado na parede das nossas casas.

O poeta José Gomes Fernandes fez-nos esse apelo há muito tempo. É agora altura de relembrar, para não ficarmos com as mãos tão vazias.



TERESA SANTA CLARA GOMES

in *Diário de Notícias* 5.10.96

Teresa Santa Clara Gomes morreu ontem, aos 60 anos, no Hospital da CUF, em Lisboa, onde se encontrava internada há um mês para tratamento de doença prolongada. Morreu rodeada de familiares e amigos, entre os quais Maria de Lourdes Pintasilgo.

Natural de Aveiro, Teresa Santa Clara Gomes frequentou a Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou em Filologia Germânica com 17 valores. Especializou-se em Línguas e Cultura Alemãs nas Universidades de Heidelberg e Hamburgo e foi assistente na Faculdade de Letras de Lisboa. Uma experiência nos Estados Unidos, em 1965, haveria de mudar o rumo da sua carreira: passou do sistema formal de educação para o não formal, hoje vulgarizado como "modelos de educação alternativa".

Mulher empenhada na vida, privilegiou sempre o humano e o social, assumindo as convicções que sedimentaram o sentido cristão subjacente a tudo o que fazia. Foi coordenadora nacional e membro do conselho internacional do Graal, a que se devotou de alma e coração, deputada independente do PS e membro de dois Governos. Em 1978 foi secretária de Estado da Cultura do III Governo e, em 1979, secretária de Estado adjunta do primeiro-ministro, Maria de Lourdes Pintasilgo, no V Governo Constitucional.

De si gostava de se apresentar como «uma mulher com um pé em cada estribo». E, numa entrevista ao DN, conduzida por Antónia de Sousa, em Fevereiro de 1988, Teresa Santa Clara Gomes explicou: «Quando eu digo que tenho um pé em cada estribo, é porque não sou capaz de me dedicar exclusivamente a um só campo. Há uma alternância de tempos em que participo em projectos de intervenção social e cultural e outros em que invisto nas estruturas institucionais, políticas e profissionais.» Fernando Alçada dizia que Teresa Santa Clara Gomes introduziu a dimensão social na cultura. Essa dimensão, porém, colocá-la-ia praticamente em todos os projectos de promoção humana e de desenvolvimento comunitário em que se envolveu. Igual atitude assumiu quando protagonizou funções políticas, acentuando aí a importância e a diferença do papel da mulher na sociedade. Na entrevista ao DN, atrás citada, dizia nomeadamente: «Acho que, potencialmente, as mulheres representam uma nova forma de intervenção, que decorre de uma atenção ao real diferente e, por isso, acho que as mulheres estão em condições de desmistificar uma série de ideias e de ideologias que ainda permanecem como dominantes e totalitárias. Fala-se hoje muito de esvaziamento das ideologias, mas a verdade é que toda a vida política das mulheres conduz a uma gestão do real e não das ilusões. Tomemos o exemplo do trabalho: os políticos até agora têm-se recusado a reconhecer as verdadeiras tendências da evolução do trabalho da nova era da informática. Continua-se a reivindicar o pleno emprego, como se houvesse condições de o continuar a implementar nos moldes característicos das sociedades industrializadas. A verdade é que tendem para uma nova forma de organização social onde a utilização da energia humana será profundamente alterada. O número de horas que o cidadão adulto activo médio dedica a processos produtivos, seja a nível de produção industrial seja de administração, tende a tornar-se cada vez mais artificial. Isto no sentido em que, para gerir bem, com o recurso às novas tecnologias, que serão cada vez mais acessíveis, a mão-de-obra humana necessária em termos quantitativos será cada vez mais reduzida. Portanto, a grande questão que se põe é a de preparar a sociedade para uma nova gestão de recursos humanos.»

“GOSTAVA DE VIVER À PROCURA, FAZENDO-SE”

in O PÚBLICO 5.10.96

Morreu ontem, em Lisboa, Teresa Santa Clara Gomes, um mês após ter sido internada. Ex-secretária de Estado da Cultura do III Governo e secretária de Estado adjunta da então primeira-ministra Maria de Lourdes Pintasilgo, Teresa Santa Clara Gomes integrou ainda a bancada parlamentar do PS, primeiro nas fileiras da UEDS, depois na qualidade de deputada independente. Licenciada em Filologia Germânica, gostava de afirmar que vivia “basicamente à procura, fazendo-se”, seguindo assim o lema do movimento de mulheres cristãs Graal a que pertencia e de que era uma das figuras mais proeminentes a par de Maria de Lourdes Pintasilgo. Empenhada política e socialmente da forma que caracterizava como sendo de “um pé em cada estribo, com alternância de tempos a participar em projectos de intervenção social e cultural e outros a investir nas estruturas institucionais, políticas ou profissionais”, a ex-secretária de Estado foi uma “referência significativa na vida democrática”, como ontem ainda sublinharia o Presidente da República, Jorge Sampaio.

Reconhecidos a discrição e o entusiasmo com que se envolvia nos diversos projectos em que participou - “fez o que fez sem querer estar na primeira fila, mas com persistência”, nas palavras de Jorge Sampaio -, Teresa Santa Clara Gomes nasceu em Aveiro a 31 de Janeiro de 1936. Completou os estudos liceais em Lisboa prosseguindo o seu curso universitário, tendo-se especializado em Língua e Cultura Alemãs nas Universidades de Heidelberg e Hamburgo. Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, em regência das cadeiras de Literatura, História da Cultura e das Instituições Inglesas, uma passagem pelos Estados Unidos alterou o rumo da sua vida académica, tendo dedicado particular atenção aos chamados modelos de educação alternativa.

Entre os diversos lugares que ocupou destacam-se ainda o de consultora do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa do Ministério da Educação, de 1966 a 1970, consultora da secretaria de Estado da Cultura para a política da animação cultural, de 1973 a 1974, e presidente da comissão Interministerial de Animação Sociocultural, de 1974 a 1976. Maria João Seixas, assessora do primeiro-ministro para os Assuntos Culturais, destacou de Teresa Santa Clara Gomes a “inteligência aliada à diferença dos outros”. Helena Roseta sublinharia a mesma qualidade, dizendo ter-se tratado de “uma lição de inteligência e generosidade e de abertura de espírito”.